

Poesia



Tábua

Copyright @ 2008, by Adriano Vasconcelos e Sonangol
Grande Prémio Sonangol de Literatura 2003
Ex-aequo: Vera Duarte com “A candidata”, romance.

Corpo de Jurados

Corsino Fortes (Pres.), Augusto Kâmbua,
Roderick Nehone, Cornélio Galey e Marisa Costa

Prefácio

Ana Lopes de Sá

Capa

Francisco Van-Dúnem (Van)

Verbete do escritor

www.uea.angola.org/ (Link Bio-Quem)

Design Gráfico e impressão

Gráfica Imprinta Express

Depósito Legal nº 4472/08

Tiragem: 500 exemplares

2ª Edição: Luanda 2008

Concepção ABV

Todos os direitos desta edição à: UEA

Telefones: 222-323205/322421 Fax: 222-323205

E-mail do Autor: adrianvascon@hotmail.com

Adriano Botelho de Vasconcelos

Tábua



União dos Escritores Angolanos
<< Guaches da Vida >>



“O que nem filosofia nem ciência nos concedem, um só verso, um daqueles que Mallarmé dizia “interminavelmente belo” no-lo oferece, porque nele regressamos e nele somos o tempo que em tudo o mais esquecemos mas que jamais nos esquece. Este é o mistério, o lúcido e inexpugnável mistério da poesia: o Tempo – nós como tempo – tornado sensível, audível, dizível e através dessa aparição nos oferecendo a desesperada e alta eternidade, a familiar “luz perpétua” que nós próprios fabricamos ardendo e vendo-nos arder como árvores vivas no fogo temporal.”

Eduardo Lourenço, in “Tempo e Poesia”, Gradiva, Maio 2003.



Em toda a verdade humana há sempre algo de angustioso, de aflito, nós somos, e não estou a referir-me simplesmente à fragilidade da vida, somos uma pequena e trémula chama que a cada instante ameaça apagar-se, frase de uma mulher in “Ensaio sobre a lucidez” de José Saramago

Uma palavra que se possa entender só depois de lençol cair onde os teus pés mais nus recebem um jardim in “Tábua” Adriano Botelho de Vasconcelos



**A Luz dos Heróis na palavra
ou o amor pelas plurais palavras em Tábua
*por Ana de Sá***



O percurso que realizamos pelos traços gráficos e pelos trilhos imaginários dos poemas de *Tábua* centra-nos no eixo do grande respeito pela palavra e pela sua ausência, o silêncio. Só quem, como o poeta, ama até à exaustão a palavra e, para além da palavra-significado, o som, a sua musicalidade, poderá ceder o lugar de destaque e o próprio amor ao silêncio. Daí que este introdutório pretenda ser um tributo a esse amor aonde só o poeta (*minúsculo* na letra inicial, metonímia de Adriano Botelho de Vasconcelos – ABV) acede por meio da instrumentalização da sua palavra (também *minúscula*, porque representação da palavra origem).

A invasão da poesia de ABV na palavra percorre uma reflexão sobre o labor poético, sobre a função da linguagem e sobre a função específica que esta adquire na especial forma escolhida pelo autor para fazer comunicar a sua subjectividade. Há poemas ponteados pela metapoesia e, com maior incidência, pela poética, pela tecitura do verbo no verso, ou seja, pelo percurso existente entre o sujeito e o resultado conseguido pelos firmes passos dados. O fulcro da obra assenta, assim, na **criação**. O poeta, os lavradores, os heróis e as personagens presentes nos poemas são criadores, entre o poema e o quase poema que nos é denunciado e apresentado. A negação é usada, então, como estratégia discursiva e de criação e liga-se à relação estabelecida entre criador e criatura: “Não se pode escrever o poema porque entre os seus elementos vigora uma voz/ que indica o lugar / da agonia”. É frequente que o criador questione a sua criatura, colocando-se perante ela e deixando-se por ela inundar,

como se o processo criativo se processasse no inverso, como é perceptível nos versos exemplificados: “*E a palavra antes de ela ser estrofe vive / uma luta com o que nos vem em sangue para apertar / o mundo*”.

A palavra faz e desfaz, constrói o abandono, desfrutando, pelo seu som, o silêncio; a voz cede o seu lugar cativo aos outros sentidos físicos que se compõem em poesia. A recorrente metáfora poética do tecto surge, neste sentido, como expressão do desejo de toque do inatingível, do alto, do máximo organizador ao qual se acede precisamente pela vogal, pelo verbo com poder de nomear e de apropriar na subjetividade o visível, o perceptível e o imaginável. O espelho é filtrado pela visão na sedução da imagem com a obsessão pela palavra. As mãos, os dedos, a boca que sentem o barro, o ouro e a terra, húmus fértil, tal como a dança que envolve toda a percepção sensorial, comunicam com as outras artes, as da palavra e as do corpo. “*Todos os meus dedos tinham o vício / das luas nas salivas dos teus desejos. A água / é um imenso espelho com olhos no teu umbigo / e a felicidade treme na ponta de todos os troncos / para que a túnica se amarrote / na noite*”, versos síntese da junção inevitável de todos os sentidos concretos e imaginados. A poesia de ABV faz-se pela palavra escrita na voz que ressoa no corpo e em seu apelo. A apreensão e a inventariação do mundo medem-se pelos sentidos físicos, que podem ser ou não simultâneos, presentes ou ausentes, como a música que acompanha a surdez.

No corpo, junção plena do que nos transporta a alma, destaca-se o seu interior e o exterior, a identidade e a máscara. A primeira é a noção do recomeço numa intimidade que se alia à memória para se transformar e se perpetuar em palavra. Para além desta perpetuação, e porque de corpo se trata, a cicatriz, a marca e o esquecimento confluem, denotando que os versos de *Tábua* se constróem de jogos de aparentes paradoxos que se conjugam harmoniosamente para deixarem de ser paradoxos e se tornarem vivências. Só a vivência poética isso possibilita... A doçura caminha a par e passo com a violência, a alegria surge aliada à dor e à tristeza e o poeta cumpre a sua função (“*A palavra atravessa toda a ilusão como se cumprisse / uma missão*”).

E como de caminhos se compõe a poesia, a viagem concretiza-se, também, numa temática recorrente, que pode ligar-se ao mar, à

intimidade, à jornada de dois corpos juntos. Há a água e há a água com sal, na sua vastidão do mar e na sua pequenez da lágrima, no universal e no mais confidente. Com a água dos mares, do rio Kwanza, das lágrimas parte-se do geral e colectivo para se chegar à intimidade particular da água que toca o rosto. Mas a vitalidade passa além da água e poetiza-se no sémen, na saliva, no mel, no leite, no sangue, ou no vinho, imagens fecundantes do impulso e do amor à vida. Aliás, o amor é o tal tecto referido algumas linhas atrás, permitindo que tudo seja o amor, que todas as imagens o materializem, como a ilha, transposição espacial do mundo interior lírico. O postigo, o túnel e, novamente, o mar revelam-se do eu poético para nós como pontes de comunicação. A ligação entre a terra e o mar, entre o seguro e o (des)conhecido longínquo pode concretizar-se pela gaivota metáfora de mim-sujeito-lírico. Nesses vários lugares de passagem e de comunicação, muitas vezes, a transposição não se concretiza por impedimentos, quer sejam lugares de comunicação amplos (como o mar) ou restritos (como o postigo). A poesia continua a construir-se de ausência e o amor continua também afastado, circunstancial e poeticamente uma ilha.

Mesmo a recuperação da distante infância se faz mediante os fragmentos que possam actualizar-se, conjugando os versos do passado, do presente e do futuro, bem como as marcas geracionais do encontro do poeta com o seu centro, na sua marcação temporal identitária com o fito na utopia. No presente tempo da noite, a lua deixa de ser singular e multiplica-se em luas, onde, mais uma vez, o singular se torna plural na temporalidade.

Pensa-se o significado e os nomes da realidade, re-semantiza-se o mundo onde a concretude e a abstração existem pelo signo, pela palavra. Os nomes dos lugares, dos tempos, das personagens apelam para a circunstância angolana, como é o caso da evocação da cidade e da sanzala, do Kinaxixi, da palanca, dos Kotas, do rio Kwanza ou de Ximinha, elementos pertencentes à *“intimidade / da pátria”*.

A singularidade de ABV também se filia no encontro de formas harmoniosamente conseguidas que aliam novas consagrações e concretizações poéticas (ancoradas na moderna poesia em prosa, por exemplo) à tradição (veja-se, entre outros, a recuperação da parábola

da lebre e do cágado). Também os pequenos poemas tecidos em estilo proverbial radicam na chamada literatura tradicional de transmissão oral, como se se levantasse um problema e se apresentasse a provável (ou a mais possível) solução numa máxima paradigmática. O fim dos poemas faz-se, assim, com uma ou duas palavras, o remate que se quer mas forte, com a marca do poder da palavra que ecoa sobre as outras já proferidas.

O entroncar dos poemas de *Tábua* no particular e no universal encontra também expressão na temática religiosa, sob a forma de Deus e dos lugares tornados hierofania pela sagrada palavra. A religião (religação ao mundo sensível e união com o sagrado) edifica-se com deus (ou um deus) e com a imagética sacra angolana, bem como com as alegorias bíblicas, tudo concorrendo para a constituição de uma memória poemática individual e coletiva. O próprio tema da morte emerge ligado à religião e é acompanhado das imagens do cemitério e do esquife, materializações da destruição do herói, outro tópico favorito. A posição privilegiada do poeta permite-lhe esta desconstrução do herói, que, não sendo banalizado, é posto a nu também com as suas fraquezas. É o novo homem que saiu da capa do semideus inatingível e guerreiro, que se torna o seu reflexo, ou até o seu espelho, recuperando uma imagem recorrente nas páginas de *Tábua*. A quádrupla aliança humanos-heróis-estátuas-deuses permite-nos concluir que os primeiros permanecem para além do herói e para além das suas materializações. Não será o simples ser humano, tal como os heróis, os deuses ou os poetas feito simultaneamente de palavra e de silêncio, de presença e de ausência, dos paradoxos que nos enformam precisamente na chamada condição humana?

Os versos de *Tabua* inscrevem-se, tal como seu máximo representado – nós, os humanos -, no particular e no coletivo, no regional e no universal, na matéria e no espírito, no velho e no novo, pelos espaços, mas do que lugares físicos e lugares de almas e de corpos, pelos temas e pelas reflexões constantes sobre a condição humana. Trata-se da reflexão do poeta e do intelectual sobre a circunstância do indivíduo heroicamente defronte da “nova identidade / como a única estreia do mundo.”

Ana Lopes de Sá

Momentos de “quase lágrimas”*



O meu orgulho é muito visível. O Presidente do júri, Corsino Fortes, falou demoradamente sobre a poesia de Tábua. Eu disse para os meus botões, como um gigante da poesia pode ter tão grande paixão pelos meus versos? E vinha dos seus olhos um longo brilho sem máculas; é como se o coração aí estivesse, mole, mole como se quer para a vida esse órgão que une o mundo, magnânimo na apreciação. Mas do outro extremo dos meus sentidos, o ouvido negava-se a aceitar, como se só quisesse ouvir palavras mais frias, graves, marmorizadas, sem as vogais que permitem que as palavras expressem os nossos sonhos, por alguns instantes; nem os ouvidos serviam para arrumarem os seus verbos, só lia pelos seus lábios e olhos os seus elogios.

Uma outra minha voz interior, talvez a terceira voz, essa que me vem da inquietude, dialogava em tom grave com o outro eu que não conseguia fazer o teatro: “olha que é o teu gigante”. Mas Corcino Fortes, o poeta de Pão & Fonema, não estava no pedestal que há muito eu edificara para o seu chão desde o dia de há muitos calendários que o levei em vertigem pela pressa dos meus dedos.

A sua mão, essa que já tocou todas as utopias da terra e do mar, quando em véu tocaram as minhas, no que ele chama de “corrente humana”, era assim, como se dois lagos se encontrassem para aumentarem os “espelhos do mundo”. “Ah, Tábua não me fez dormir”, disse com carinho. Pela primeira vez, creiam, eu pude ser no corpo e na alma o poeta que nunca pudera ser.

Outro momento de “quase lágrimas”, mais espessas e em seta para a direcção do âmango e de uma aflição que não tem cura, foi saber que o pseudónimo e título da obra a concurso tinha algo de muita religiosidade; Aires¹, pseudónimo, não é tão anónimo como se pretende para um concurso e Tábua, que simboliza os esquife, pode hoje oferecer ao anónimo uma tumba já que o seu corpo iluminado por 17 punhais cravados em tudo que é corpo, tornou-o no único morto que passeia pelo rio kuanza, vai até ao mar e regressa à nascente e faz de maio um mês que não me faz falta nas somas do ano. E se, por teimosia, floriu alguma promessa de felicidade no que escrevi, ela é exactamente do tamanho do gesto do poeta Corcino Fontes: mãos que se tocam, entrelaçam e com uma jura que nos faz descer até ao mais alto patamar da infância quando de “outro” nos socorremos para dizer “corta aqui”.

Oh, poetas, deixem que meus irmãos² façam terra nas margens das minhas estrofes que são os lugares onde deito o vinho. E assim se eterniza o amor entre os seres e a compaixão numa glória por saudar porque *“muito há de novo / Debaixo / da roda do sol / Se no espelho da tua roda / O rosto da ilha é um sorriso de mulher”*³.

A força que dizem existir até no título, fez com que o mantenha. “Tábua”, na verdade é objecto onde Deus experimentou o seu maior suplício. Pode ainda significar fogo, portas, carpinteiros, régua, esquadros, molduras, fêretros, polimentos, manchas, mesa, cadeira, umbrais, tectos, são elementos de uma simbologia que traz o homem para mais perto do amor⁴.

Adriano Botelho Vasconcelos

¹ Aires, é o cognome de José Botelho de Vasconcelos, foi Alferes no exército Colonial, Universitário, morto pela DISA, em Maio de 77, com 17 punhaladas de sabre, ainda com os últimos laivos de vida, fora colocado nun saco de serapilheira e atirado ao rio Kwanza.

² João Botelho de Vasconcelos, com 17 anos, fuzilado pela DISA, na cidade de malange.

³ Corsino Fontes, *A Cabeça Calva de Deus*, Lisboa, Dom Quixote, p. 186.

⁴ Com José Eduardo dos Santos, Presidente da República de Angola, começa o grande ciclo de humanismo, sem exhibições publicitárias, termina com as grandes purgas violentas entre confrades, consofredores e cidadãos, nega as acções sanguínárias, infelizmente, muito comuns nas histórias dos países africanos.

“Dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos”, palavras da Rapariga dos Óculos Escuros, em Ensaio Sobre a Cegueira, de José Saramago.



**Uma verdadeira mesa de ourives
onde as palavras são lapidadas para
retomarem o seu brilho natural**

Excerto Da Deliberação do Júri



“A TÁBUA é, na sua metafórica acepção, a partir do próprio título que o poeta escolheu para sua colectânea, uma verdadeira mesa de ourives onde as palavras são lapidadas para retomarem o seu brilho natural que a patine do uso e que o tempo chega muitas vezes a encobrir.

Efectivamente usando as palavras do nosso quotidiano comum, o poeta constrói com êxito combinações surpreendentes que resultam em figuras de estilo que desafiam a imaginação do leitor e aguçam o seu sentido estético.

Mas em toda obra, o que pode parecer um simples jogo de palavras para satisfação do prazer estético de meia dúzia de leitores entendidos, vem revelar-se como uma sub-reptícia intenção do autor, ao fazer perpassar um fio de esperança e encorajamento patente no apelo constante à luz, construindo uma mensagem subtil para todos quantos vivemos nestes tempos e sobretudo nos nossos países, mergulhados que estamos num mar (outra constante do poeta) feito dúvidas e até de medos relativamente ao que o futuro nos reserva.”

Presidente do Júri
Corsino Fortes



“Não penses que não te viu, este que aqui escreve” de Bertolt Brecht

“ No lugar do silêncio toda imagem sofre”
Adriano Botelho de Vasconcelos, *in* “Abismos de Silêncio”,
UEA, Set/96, Angola.



**Luz. E tudo parece uma dança que muda secretamente
o que se descobre nas fissuras de algo que foi procurado
numa noite de luto. Uma mão pode fazer a duração do sonho
se tiver no seu barro o que se pode adiantar
como preço dos erros de Deus quando o trigo não fazia
ainda sorrir a terra e separe do seu húmus
os mortos que fazem ouvir
as queixas.**

Oh! luz se inteira vem como foi seu dever
fazer a feição sair dos dedos de Deus quando pela pressa
tirou-nos da lama. São os olhos que cobrem com ramelas
o que a sombra esconde para que não se entenda
o que os jornais anunciam como a próxima
guerra. Tudo o que se perde desfaz numa ardósia a ordem
da utopia. A luz não pode ter o preço de uma dança
que atravessa a morte dos cavalos que fazem a vaidade
da vitória. E por muito que tentes usar o biombo
a luz fica mais perto das tuas trevas e nem mesmo podes
viver numa cama que aproxime a lua até à hierarquia
dos adjectivos que assanham num caule da manga
as tuas ancas. E tudo parece uma dança que muda secretamente
o que se descobre nas fissuras, por esse buraco
de agulha se pode ver num só olho o que se vai perder
na direcção que o diabo mantém em recta na sua mão
que salvou a inveja. Toda mão se engana no fim do sonho
porque o barro tem a sua ordem e o seu sopro de milagre.
Só temos o sino na linha que segue a pureza que adjectiva
com todas as sombras a tua escolha como se nos tocasse na alma
igual susto. Toda a mão se engana no fim do sonho
porque o barro é quem mais serve na sua vaidade
as aguarelas que seguram na tela
a utopia.

**Luz. Eu vi cair o que o herói não conseguira fazer durar
mais que uma noite, e o que veio daí em espanto
e muita vergonha foi saber que fui
seu melhor discípulo. Em cada boca existe a delicada
palavra que vem de um nó que foi parte da confusão
dos deuses e pode parecer uma nave
que cintila no próprio
fogo.**

Oh! luz que veio marcar a existência da tristeza
por não poder ser uma só coisa
tem-se os lábios depois dos versos
mas não se pode esconder o sal das lágrimas, tem-se a flor
na primavera mas o esquife é só o seu verbo.
E o rebanho de ovelhas fica marcado pela loucura
que faz viver numa prova de lutos a memória
de Caim. Eu vi cair a luz de todas as glórias
o que o herói não conseguia guardar
no ensaio da sua própria vida, e o que veio daí em espanto
foi saber que fui seu discípulo. Como um gesto pode enganar
o coração e não se salva uma aurora para os filhos?
Os corpos dos dançarinos de Koffi Olomidé e Oliver Mtukudzi
arrastam-se tão próximos da terra como se aí
estivesse a origem da música, talvez por isso a morte
apareça tão próxima da dança que vai
trocando os palcos para desespero dos heróis e nos kombas
parecem ser os mesmos: máscaras.
Foi através da luz que refiz os signos para que as palavras
que nos guiam através das fístulas e feiras
mantenham as partes finais que celebram nos cristais
o sono que se descobre nas salivas das cobras.
A flauta recolhe a pele na nota que inventa um cálice
para o teu sonho por estar perto o medo.
Não pode ser breve a dor que chega antes das arestas
já que persiste a noção que inaugura
a psiquiatria quando toda a manhã já não pode ser
o que o terço permite viver.

Oh! luz, por debaixo da porta entras sem que por
teu guia e lição encontres os itinerários da minha fuga
e pelas persianas levantas o planeta numa agulha sem
sombras e as mães choram, de outro parto não podem fazer a vida
porque depois de uma alegria é sempre o que nos vem em lágrima
que faz desaparecer através do mofo
das cortinas a tarde de todos
os desafios.

**Luz. O mar pode um dia trazer uma cidade habitada
de velas e só pela sua paisagem se possa escrever o nome
do país. Entre a fúria de uma verdade e a boca da sombra
pode uma mão salvar numa catedral os mortos.
Por mais violento que seja o silêncio em não se podendo
escolher o teu túmulo como uma folha que caiba
num país e se perca numa espécie de canto atrasado
a utopia. Permaneça, entretanto, o excesso da verdade
para que se compareça perante o passado e dure
a pergunta.**

Oh! luz que foi descançar na lagoa para fazer o espelho dos enganos, vê-se por tua inteira bênção o que nos chega em muito medo como um garrote feito de naufrágios. Entre a fúria de uma verdade e a pedra de uma sombra e desfeitos os pássaros no altar onde a luz não se pode fragmentar pode um homem deixar que seja indicado a sua vítima. A torre ocupa o espaço onde se podia vislumbrar a baixa de Kassange e o rio Kuanza que levou para o mar os corpos dos homens que foram violados. O mar pode um dia trazer uma cidade habitada de velas e panfletos que fazem a importância da igreja. O vinho é queimado pelos nomes que só o coração sabe pronunciar para que um sopro lance uma gaviota que deixe o chão pronto para receber a semente e não se tenha pálpebras para guardar o choro. A mão que lança o vinho conhece a seda que pode aproximar os mortos da terra. Oh, luz, queremos-te já quando temos a noite por vigília, a última leitura, contornos, abraços e a limpeza da casa mortuária. Contigo aprendemos a contar os escombros da nossa vida como se não nos chegasse a bondade do coração. As corujas nas árvores mais altas e antigas vão em canto longo e com muito uso das portas que se fecham cobrindo os anjos com túnicas pretas para que o sol não seja primeiro no arrumar das coisas e contas do mundo.

Luz. Só o coração sabe enganar mesmo estando tudo perdido e só por isso se vem perpetuando a aurora. A preciosidade da aldeia só dura intacta no luando que ocupa numa só lua a nossa insónia. O que resta das linhas onde demora a perfeição como se o homem não fosse capaz de olhar para as coisas que se vão tombado após cada conta da vida... não podemos responder já que abandonamos em tanta sombra a paixão. Ah, se tudo pudesse ser recomeçado no mesmo ponto que se marca o incidente numa só vontade em escolher o show da comoção quando se nasce pronto para seguir a pista desenganada da nossa própria morte.

Oh! luz que obedece o ciclo do trigo até a lua
impedir o pasto das hienas. Tudo se resume a essa cor verde
da couve, podemos por este engano dos lavradores
ver coisas que só o coração sabe enganar mesmo estando tudo
fora dos seus lugares. A preciosidade da terra só dura
no corpo de Joana e vem daí essa febre em querer trocar
pelo amor o que conseguiu mudar
no lençol da minha
paixão.

Ah! se tudo pudesse ser recomeçado no mesmo barro
que fez toda a tua infância e se pudesse ouvir
o murmúrio das mães que são quem mais sentem nos olhos
os sinais dos destinos que por vezes ganham forma de esquife
numa simples chávena de café. E vamos deixando mais
desconfianças e ciladas para que não se ame os irmãos
que estiveram sentados à mesa do mesmo soba.
Não podemos comparar as realidades cada vez mais
tudo parece um ensaio e não se pode saber se o que se diz
faz parte de um belo engano. Não é fácil preferir
o interior de nós mesmos. Os espelhos ocupam os espaços
e toda figura já foi um avesso ou o mais perfeito disfarce.
Faltou-nos um pincel para deixar os sinais nas paredes
como fizeram os apóstolos de todas as
tragédias. Não se pode virar pelo contentamento uma página
sem que lhe acompanhe em vergonha o sangue
e uma pressa em querer que a amnésia solte a piedade.
Pelo coração se pode perdoar assim como no pasto no Humby
quem mais envelhece são as cabras que comeram
as pedras e puderam no lugar da luz e da sua higiene levar
os homens para a calçada em madeira antiga
que fizeram a nave
dos mares.

**Luz. O que posso descobrir no corpo de Joana perto
de uma lamparina? Pude à noite saber que só da minha ideia
eu salvara a forma que vingou no violão
das nossas núpcias, Hoje, vou rodar a luz à volta de teu
corpo e não me impeçam de inclinar
a terra no momento que te
prender na minha
cintura.**

Oh! luz que veio por detrás do teu corpo como
uma língua da minha sede. Um pêndulo na sua humidade
até ganhares como parte da tua pele
toda ideia que confunde o fogo.
Pude usar os teus gestos para salvar a minha metáfora retocada
na presença de um anjo e voltados para a superfície
do mármore que faz durar em nossas pálpebras
todo o vigor da lenha dentro de tua casa.
Posso escrever sobre o amor porque é impossível
alcançá-lo na cama embora alerte tantas humidades
como a melhor forma de descobrir a asfixia da morte.
A porta permanece aberta porque os gestos são quem mais
podem viver das palavras num incêndio fechado
no poder que afasta as tuas lágrimas que tiveram
o seu início no teu ventre. Não desviei o meu olhar
porque toda a luz só poderia ter como suas margens
as rosas que numa só sessão se tornaram altas nos teus joelhos.
É de uma anemia que nasce a decisão em saber que de ti
já não pode partir um outro corpo que consiga ter
o meu berço todo agarrado à uma paisagem
que mais parece o leão à frente
de um espelho. Em cada palavra toda utilidade
se perde na sombra que se valoriza no arco da lua
que torna intacto o que por enquanto não
podes nomear. Uma palavra que se possa entender
só depois do lençol cair onde os teus pés mais nus
recebem um jardim. A água prepara a sereia
quando escorre pelos teus seios e ombros.
Foi no brinco do teu umbigo que o mar se fez em mais
que uma mala ou um lugar para pensar em quantos naufrágios
se faz uma insónia que pudesse trazer-nos à terra
descalços e sem roupa para sentirmos numa só fogueira
a ideia que outros pudessem ter através
da invasão dos quartos.
Oh! luz, só contigo entendo o corpo de Ximinha
e olho-o demoradamente como quem pega da música
toda vontade afiada nos diversos filmes
que foram enganando com holofotes
a temperatura
do sangue.

**De muito nos serve a velhice se temos que esperar
que as montanhas guardem o sol e os filhos
tentem alcançar no limite dos músculos a amizade
das mães e se vamos em muito corpo como se abre
um pássaro à defender o que o sol
não pode ser maior em valor
absoluto.**

Que o sol esteja por detrás do morro
e perca o seu pêndulo como se pudéssemos viver
sem paisagens. Recomece então a nova identidade
como a única estreia do mundo e prova-o um barco
que estique a sua vela para que se abra o mar.
Tantos têm sido os caminhos à procura
de um lugar para o corpo. O velho Kinga entregou à velha
Ngonga o osso dos espíritos: “ A morte
que venha como um corpo de pakaça e fique brilhante
ou como uma cobra com chifres e nunca mais se conheça
a narração do amor e em meu âmago toda a sombra
que vai ocultar o o golpe como todos os fins
da direcção que os gestos detestam”.

Cortinas de pedras deixam o sol passear e esquecer-se
de nós. Vem essa luz em forma de cabeça
que lhe conheço a alma num desalinho da felicidade
como se desse chão tivessem que escolher os soldados.
Toda a intuição é uma geografia sem força
de um país à esquina. “ Eu fico, já vem a chuva
resolver em seu dilúvio a minha decisão, lá mais à frente,
é só mais uma jangada e de pouca verticalidade o sol
pode a montanha guardar a vossa fuga.

Eu fico, até para que a morte se distraia com os meus
gritos e devaneios próprios de quem já viveu tudo”.

Por detrás das montanhas se podem encontrar os filhos
e mulheres que revelarão como uma cobra de chifres
anula a obra de Deus.

“ Que um dia os morros se encontrem seria um desejo
que destruiria quem fez”.

A morte também tem essa distracção
de carne antiga para que os jovens possam presenciar
como se pode salvar
uma aldeia.

A ideia está selada pela lua e parece que chega
como se tivesse a velocidade que atravessa a noite
dos malucos da minha infância. E ela tenta segurar
os bens porque desapareci de minha casa, essa amnésia
que salva o mundo quando tudo se torna num jogo
que ela sabe antecipadamente o seu desfecho
só precisando que a ideia que aperta a minha cabeça
permaneça na
mão.

Passo por muitos lugares numa sobreposição
de placas de fogo, todos os lugares são muito mais nítidos
que os contornos de minha casa. Não se consegue tocar
nas arestas porque apetece viver. Esses lugares
aparecem de mãos dadas com as surpresas e a seda
marca a fragilidade das coisas e o que elas são em palavras
formam o peso que abre a cova. Uma mulher emprega
a minha ideia e parece-lhe que tudo é maior que a utopia
e desatou a correr com os mesmos passos do maluco
da minha infância. Mordeu a alguém que depois ganhou
um louvor para o seu altar, mas a minha ideia
foi crescendo como uma lâmina escolhe a direcção
da morte e parece que deixou nele o visco da lua.
E ela escolheu outra vez a mesma ideia
que a deixara erguida na ponta dos pés para dominar
as aves. Tentou empurrar os espelhos porque parecia
que a sua corrida vinha de um balé que tinha
os pés do diabo, porque depois viu junto aos seus gestos
a criação do silêncio. Às vezes não se sabe que a cabeça
é a montanha de uma insónia, uma força distante do corpo
que chama os criminosos pelos seus nomes
numa ferida por onde circulam já bêbados
os homens.

**Foste derrotado e agora esperas
pelas nossas penas. Na tua lâmina toda clandestinidade
que apanhou os pássaros no sítio onde
tentaram juntar as cores e
os rios num só terraço.**

Uma parede tolhe-vos os passos porque
essas mortes são uma luta por dentro. Se os suspiros
escolhessem a boca como o amor a utiliza
todas as palavras seriam abertas
como um jardim. São um caminho
de longas perdas capazes de desfazerem
o que o homem tenta anelar num só
eu o que em muito teatro e luvas
o confunde. O nome é uma casca
que separa silenciosamente o sangue da pele
que recebe o solo no lugar onde a manhã
se parte. Foste derrotado quando a noite saía do postigo
mas deram-te um lugar de honra e acontece tarde o rascunho
da vossa mais antiga vingança, mas a ardósia
da vossa mais antiga vingança como um esteio
de sabres permanece enfeitada
para que melhor idade
nos sirva em
montra.

**Com que mãos, ouros, creolinas e lenços sararei
a úlcera da tua derrota? Toda figura do altar
é uma sombra que desce tarde para as tuas mãos
onde o cisne perde sempre o
trampolim.**

Agora a morte voltou para o seu lugar onde todo o Inverno é uma longa pedra que guarda a memória para o que se queira distraidamente chorar. Uma cópia por mais que se encoste na régua de Deus repete a mesma loucura, arestas e lhes toma como um castigo e serpente o maior defeito. Todas as hierarquias do coração tomaram os seus lugares para que se ame o repouso de todos os mortos. Uma borboleta é o elemento dessa ordem que pode ser apreciada nos museus. Terminará o teu olhar numa longa fila de mãos que sentem a partir de cada bocado das suas carnes (os olhos também aumentados) as mãos esticadas em todas as direcções do sangue para segurarem o mundo.

**Todos os meus dedos tinham o vício
das luas nas salivas dos teus desejos. A água
é um imenso espelho com os olhos no teu umbigo
e a felicidade treme na ponta de todos os troncos
para que a túnica amarrote
na noite.**

O cálice conserva o batom dos teus lábios
que prendem a baba no seu único desassossego
que torna visível ao fogo. O mar é quem segura
os teus gestos como se tivesses que te preparar para receber
o parto. Os sinais servem para fazer despontar
a música e são um engano que ocupa
a infância: Vejo a cicatriz que marca a duração
do sémen que começa por deixar-nos numa viagem
que coloca o sono no ramo da palmeira
que distingue a festa dos sobas. A água
é um imenso espelho com os olhos no teu umbigo
e a felicidade treme na mesma
mão que usaste para fazer
o bordado. A mão hesita como demora uma música
no ouvido e só por isso a música faz abrir
o pólen que inaugura o teu ventre. À falta de melhor
a mão desfaz-se dos ofícios
e dos calos e coloca o fogo à frente
dos significados onde a imagem cai sobre o lençol
amarrotado. Os polegares acordam os peixes
como se a água fizesse de ti a escultura
da minha sede.

**O peixe pode fazer durar as direcções de nossos corpos
até que o mel fique untado
no umbigo.**

Esse cálice conserva com a mesma luz o batom
dos teus lábios e no lençol tocas o pássaro na ponta
de um tronco que deus esqueceu
quando apontou para o mundo e disse apressado:
multiplicai-vos. O peixe encolhe em ti o aquário
que só perde a sua luz quando todo o olhar é uma pausa
lenta no grito que veio com o ventre
para guardar uma ideia só para
nós. Um hino não chega para manter perto
da cama cada lição que se vai multiplicar
no jardim. Assim a terra pode fazer nascer rosas
de porcelana que aguarelem o nome
dos filhos. O que farei com esse desejo?
Uma fada procura sentar no meio das nossas escolhas
e mostra com gestos até então adormecidos
na sala do mundo como se pode inclinar
o jardim até termos perto
a rosa. Não, não falo do cálice
esse símbolo corrompido pelos poetas, mas de um batuque
que une com fantasias os nossos corpos
como se perdêssemos as feridas
das identidades.

**Tanto se disse do amor o que nunca pude
trocar como uma farda que tem apertado o seu crime.
O amor escolheu a sua ilha e todo esse esforço
é um prólogo que animou o teatro que inverteu os meus
papéis.**

Eu tenho a minha desilusão diante da cidade
cuja verdade é um painel de publicidade. Toda a pedra
de mármore não faz o templo para que o teu dia
não seja cortado pela ponda das velhas
que procuram enterrar com sal
a última chuva. As velhas usam o coração
para saberem através das feridas o tamanho
das agonias. Procuram perdoar e já se lhes vê
pelos terços o que mais parece ser uma cruz que atravessa
os teus trinta e três anos. Anjos pelos ombros
para que o teu silêncio devolva o que perdeste
onde tudo já era falso. Toda a demora prepara o disfarce
mas não pode erguer uma manhã diante
de uma lavra de milho. O luto leva os velhos a apagarem
os silêncios que foram úteis para que a palavra não tivesse
outras ousadias. Eu tenho à entrada da cidade
a minha publicidade onde não será
útil realçar a segunda mentira
como se quisesse descobrir os dias
dos meus ensaios. Tanto se disse do amor
que fica por saber se podemos no prólogo celebrar
a sua constante
falta.

**A tua filha repetiu muitas
vezes as mesmas lágrimas e tinha as insónias
na ponta dos dedos ao acaso
de todas as sortes.**

Às vezes todo o pânico vem de um naufrágio
antigo. Não chegam as fortalezas para todas as
guerras ou montanhas quando o vento
vem de um apartamento onde Deus
mantêm os lençóis de luz.
Fechas os olhos à dor por não poderes
recuperar a razão que nada fez por guiar a tua
vida. Todas as decisões tornaram-te mais velho
como se tivesses que matar em teu âmago
o próprio pai. A tua filha repetiu muitas
vezes as mesmas lágrimas e tinha as insónias
na ponta dos dedos ao acaso
de todas as sortes. Pois bem, senhor meu
pai, tens entre mãos um novo cadáver
que domina com cal
os teus olhares. A varanda é inútil
não serve a sua altura para que se aponte
o que não tivera sido um caminho
completo.

**Ó, meus sangues! Não foram as minhas vidas
porque tomei de mim como quem serve o destino
o que a alma me ordenava para
não ser.**

Esse é o sabre que empunho diante de ti
meu pai, como se tivesse que fazer o desconto em sangue
de todas as punições e faltas quando mais
precisava de ti. O cacimbo não acabou porque
os pássaros nunca mais tocaram o meu
céu. Conta-me num só acto o que sabes
da nossa praga quando o tecto desabou
sobre os teus filhos. A minha mãe recebe da loucura
todo o bálsamo para manter em seus dias
o bordado. Os ramos que caem trazem dentro
o incêndio apenas para que a cinza
não seja vulgar. Na parede da sala de estar rachas seguram
ainda os quadros onde as alegrias pareciam
vir dos braços que criaram vida
perante as silhuetas onde só o diabo
é imoral.

**... Abrace
mais dois postigos e reparei que no teu olhar
tinhas o olhar dos três invejosos mas faltava o olhar
da mulher que te dava banho no rio que
integra a catedral
das suas
ideias.**

Tantos rostos e só o teu fez parar o meu sangue
no meio da minha ideia. Já não tinhas o cálice de Amarula
em tuas mãos e toda a noite descia para os outros
enquanto outra luz fazia permanecer-te nua
apesar da noite estar a dois palmos de nós
como se tivesse um postigo para os olhos
do teu marido. Só o bagre deixou em tua pele
a sinuosidade das minhas mãos que alguém
tentou algemar por apanhar só para ti toda
a luz. Mas não deixaste que ela se aproximasse
porque sabias que o fogo mantinha aberta
as tuas entranhas e eu fui deixando de ser delicado
para poder mostrar-te que podia apanhar o esconderijo
do teu grito. Com um gesto rápido abriste
mais dois postigos e senti que através do teu olhar
que tinha o olhar dos três invejosos
eu te tornara a minha
bailarina.

**Desabotoas as minhas fantasias como
se valessem só pelo teu preço. As arestas não são
obstáculos porque pode a raposa passar
pelo prado sem olhar
para o lago que oculta
a sua morte.**

O delírio altera a tua mão, já não é um ensaio
para descobrires a minha mocidade e por isso fazes
tudo com o louvor das flores num excesso
de suores. Ergues-te como uma torre que segura o mar
no lugar onde a lua descobre a maldade
das sereias. O leite de cabra unta a beleza como se por igual
medida dos mares, torres e sereias, eu tivesse só de ti
a devolução da paixão para viver
só mais um dia. A tua mão ganha a minha fraqueza
e ilude a minha mudança dos olhos quando
me desprendo da terra como se tivesse
em teu ventre a oferta da minha
adolescência. Viro-me cada vez mais para dentro
de ti como se um deus ensaiasse o vício
em teus olhos, em teus ouvidos abro outros postigos
até aumentar a gula, só tu tens a prerrogativa
de podermos voltar com duas
esporas: Onde está
o cavalo?

**A felicidade caminha por um lugar
isolado do âmago como se logo aí se levantasse a amnésia
para fazer esquecer o vinho
à entrada de casa.**

As estrelas deixaram de perseguir os seus deuses
e os homens escolheram o sofrimento. A felicidade
caminha por um lugar isolado do âmago
como se logo aí se levantasse a amnésia
para que não se sinta na mão direita a falta da terra
que rodeia os cemitérios. Só perto das campas
existe a terra que vai salvar o homem no pátio
de todas as contas.

Os velhos disseram que todas as lamentações
são uma âncora que arrancam as
margens do nosso rio. Diferente é esta mão
com um poema que vem de uma guerra, não deixes
que seja lido já que o céu não o buscaste
na proa da aurora, nem pela
sua estrofe se assiste o mar a descer pelas asas
das gaivotas. A camisa manchada de sangue
fez a conversa com Deus e eu vi que numa gota de vinho
se vai fazendo durar o desentendimento
do encontro.

**As palavras foram sublinhadas antes das colmeias
como se tivessem na cal aberto o lugar
de Deus. O que continua oculto não pode ter
vogais, tem o homem que indica
o fruto que pode confundir
o leão.**

Que palavra pode passar pelas nossas insónias
sem perder a luz e que seja capaz de desfazer
os panfletos onde a sanzala concentra a dor
na interrogação e desabrigo? Entendi a imagem
que se destinava para a mobilidade
da morte. Permaneci abandonado no jardim
onde o banco voou em direcção ao mar até apanhar
as mãos dos poetas. O sol que se espera ao lado da cama
não faz uma cidade acordar para o encontro com
as suas falências. Deus deixou de brincar com as nossas
pálpebras. Esse silêncio vem de uma vingança cuja ponta
foi aguçada nas superfícies sem lugares
para brinquedos. A bandeja aumenta o estilo
dos cristais que tornam perenes e sem lustro
os palácios. E a palavra antes de ela ser estrofe vive
uma luta com o que nos vem em sangue para apertar
o mundo. Que palavra pode resistir ao silêncio
que percorre a resignação sem que nos falte como
recurso da verdade os mármorees que dilataram
as lágrimas. O que se perde é mais que as idades que vão
fazendo com que amemos os criminosos.
O sol não faz uma cidade acordar para o encontro
com o que lhes falta. A sombra mais parece um segredo
que apetece abandonar, mas a sombra à janela
toma os sinais das gaivotas até tirar-lhes o mar
em cada uma das asas. Nas feridas toda a memória
parece fazer a curva da lucidez quando tudo perde a forma
e as palavras são atravessadas por anjos
que não têm tempo no tempo que nos falta
para endireitarem um pouco os destinos
que se adiantam ao tempo.
Onde esconderam as harpas? A cinza fez a sanzala
perder o nome do planeta e muito menos tiveram
como uso o presente. A roda da terra
é o cavalo de nossas
ilusões.

**Nada ficou por tirar da morte até mesmo o segredo
revelou o sangue. O sangue trocou por trigo
a inocência e manchou o endereço dos cárceres. O lago
veio para o interior da sanzala
e todos esconderam as suas sereias numa sanga
que perturba a morte. Partes de um rio esboçam
nos âmagos a pedra até que a luz reconheça
a sua própria inutilidade.**

Tudo é um medo que desfaz a ousadia
que torna as vogais reconhecíveis para o dramaturgo
saber dos nossos batons. Os velhos seguram os erros
como quem procura a vingança para
ofenderem a ilusão. Um exílio fica preso
nas palavras que não fizeram
parte das aguarelas. Quem alterou o valor do dia
diante das nossas fraquezas e onde toda a sombra
celebra como uma provocação a aurora?
Uma tenaz serve para segurar a rigidez das palavras
e a lixívia aproxima a sua significação ao vazio.
Tudo é tão higiénico numa régua sobre folhas amarrotadas
pelos filósofos, mas sem aplausos
para a sua sorte. E o lápis é a ponta da beleza
que percorre por dentro o rio de pedra que faz esquecer
os números da cidade como se pudéssemos
oferecer aos cegos toda a identidade
das utopias. Só a vida não passa
pelas estações que estreiam novos capins e folhas
para salvarem as seivas porque toda a vida coincide
com a luz de Deus e a sua sombra pode tornar a terra
desabitada. O sol levanta a tela onde se pode
fazer esquecer o último fuzilamento, um País caído
junto a torre onde os heróis procuraram tornar
bela a sua perversão. Toda a figura do nosso oratório
é uma comiseração que desce tarde para o lado
do coração - E não chega a ser horizonte
essa doentia certeza de que a bandeira e a coroa em ouro
serão abandonadas na última derrota
dos heróis. Em cada boca que recita a palavra
em pele se sublinha o poder da manhã. Os velhos tentam adiar
o confronto: foram incendiados os jornais e bibliotecas
no espaço que era próprio para
a maternidade.

**Nada ficou por tirar da morte se não o seu túmulo
que está na ponta de nossos dedos.
Não se pode escrever o poema porque entre os seus
elementos vigora uma voz
que indica o lugar
da agonia.**

Os dedos criaram os abismos para que as vozes
adormecessem no lago que separa os caminhos
que traçamos quando a madrugada
mais parecia o início de todos
os poemas. Os pastores das igrejas estupefactos
olham para dentro de si próprios num esforço solitário
para saberem se perderam de seus fios e trancas
as ovelhas e sempre a imaginarem que se pode
abençoar um Deus para cada tragédia.
Oh, luz, por mais insónias não se fará melhor deserto
para o espaço de nós que está esgotado numa festa
que deixou o mundo na bengala abandonada
pelos poetas. Pode ser que uma mão cresça
segundo o ritmo da morte e una a boca num só grito
depois de colocar uma manilha na garganta
que mantém a sombra muito
perto dos anjos. Não se pode escrever o poema
porque o lugar dos túmulos são o que a noite deixa ser
no vício das corujas. O tecto pode ser o centro
que ajuda a virar a lamparina que muda a luz que aproveita
abrir os olhos. Os velhos preparam o segredo
para deixarem a lápide onde o morro se abre em rosas
de água, e Deus fez correr as chuvas
numa coluna de trovoadas:
mentiras.

**Tocamos os objectos sem olhar a insondável
superfície que ameaça ruir a ilusão. O que parecia
sincero foi a prata do abismo que deixou no meio da tua
mão esquerda os sinais digitais
da mendigaçã. Podes juntar os trocos
que fizeram o sal das tuas lágrimas como se o templo
tivesse um altar só para os teus
joelhos.**

O que parecia sincero há muito apagara o privilégio das palavras. Tocamos sem olhar a insondável superfície que ameaça ruir a ilusão. Toda a ilusão procura compensar a fuga dos músculos na rivalidade que solta a lua para chegar nos olhos primeiro que a noite. Pode até brilhar uma cidade na ponta de um sabre com o seu luto aberto sobre uma palavra que aguarda a festa mas o disfarce que celebra o engano volta-se de unhas por fazer do teu interior o suicídio que muda a forma como seguras os pensos. Podes juntar nos lenços todos os nomes das tuas lágrimas e ver como foi que perdemos em muitos destroços a aurora que foi a perfeita gravura dos mares que refez os caminhos do regresso numa jangada de muitos riscos. A mala tinha a identidade das aldeias com as suas toalhas com nódoas de vinho e os pratos muito limpos. A flecha manteve-se intacta durante os abraços da chegada como se mãos de um continente mantivessem o seu luto. Os mares são quem mais desfazem as viagens que chegam de todos os lados da insónia. Sei que as vozes existem como uma mão aberta nos violões dos nossos fados: Encontrei o meu morto vou dar-lhe banho com as pátrias e pétalas do meu quintal.

**A madrugada já tinha guardado a sua origem
mas um imbondeiro serviu para deixar o peso
da verdade que se esconde entre
as escamas e o cemitério
que corta a cidade.**

Já não é a túnica que faz o sono do violão
que explica o lugar da igreja. Podia ser uma mulher
que se despisse dentro da água que levanta
os espelhos que obedecem os pássaros
e que seguem sem agonia o diluir
das esculturas. Pode ser o seu corpo se as estrofes
saírem dos teus gestos ao longo da luz
que prepara os barcos da minha insónia
assim se vai pela emoção num engano constante
que descubra como o fogo multiplica as minhas mãos
quando em teus olhos vejo o mar e janelas no fim da rua
e fechados no quarto. Não se pode concluir
um sonho sem que nos chegue primeiro a desilusão
nunca se acaba no fim de um sonho o que nos sobra
em dúvidas e perfeição para deixar
a tarde no mesmo lugar onde se arrastam em pó
as persianas. O imbondeiro dá lugar ao silêncio
porque a verdade obedece aos anjos quando têm uma cruz
que iluminam os pregos dos nossos
âmagos. Podes tocar o mundo só com as aguarelas
que fazem a febre durar o sonho. Camisas rotas que tremem
os olhos e uma borboleta celebra a fuga
do cárcere. A verdade que se esconde entre uma unha
e o cemitério pode fazer durar uma chuva para
aproximar as cinzas
do lugar dos
jacarés.

**O cágado passou pela fogueira
como quem inicia o passeio , mas a lebre foi o jantar
da sanzala.**

Não quero os heróis que a pátria
me oferece depois de mostrar-vos os anjos a limparem
as minhas fístulas. As mulheres com lenços de domingo
conseguem aumentar o silêncio e só os sacrifícios fazem
a velocidade das imagens e apresentam parte do coração
ferido pela adolescência. Em fila os rostos apenas
desconhecem a manhã e já ali mesmo podia-se esquecer
as mãos que nos são suspeitas. Depois de todas as derrotas
não me peçam escolhas. Pude ver os homens a riscarem
os seus discursos e a incendiarem as suas verdades.
Pude ver os loucos que vieram de uma utopia que não teve
a mão de um poeta, trocada pela tarefa dos vermes, as latas
onde imaginam guardar os segredos que farão
os homens chorar. É uma imagem nova aberta em cal.
Vejo muros onde o horizonte deveria ser toda a coroa
iluminada. A arte da palavra que se presta às subtilezas
dos generais que seduzem as geografias.
Como pode uma estátua fazer durar uma paixão
que só Deus pode receber como uma porta
sobre todas as trevas. Só onde reside o espetáculo
todo o jornal pode fazer durar a procissão e os poetas
podem perder o desafio das luas quando desce
um ventre para marcar a figura
da lua.

**O macaco memoriza o lugar do espelho
até parecer-lhe a materialidade das imagens
e os homens da sanzala partem os espelhos
flutuantes das águas onde tudo
está perfeito.**

Quem faz o discurso para os heróis precisa
de muitos vazios onde Deus não tenha espaço
para recordar toda a linha e esquadro
é o que o homem não pode fazer
de si próprio. Uma colcha de mil restos de pano, oh, Tété*
só podem ser retalhos que mais parecem
quebras de mim em partes que há muito deixaram
de ser minhas. Eles ignoram a delicadeza como se por esta
arte a mulher domine o chão. Talvez o enigma esmague
as cabeças que fazem sobressair a luminosidade das coisas
que precisam de paredões bem altos para manterem-se
em posição vertical quando o dia faz crescer os olhos
dos homens. Podes inquirir se a tua estátua é uma maneira
de deixares a ideologia poisar os seus mortos
numa narrativa que foi viciada
pelos escritores. Estás comovido por saber
que te pode calhar esse vazio que mais parece uma ficção
que dura mais que a esperança.
A ficção é o avesso que traça o âmago
por poder ser num só agora de espelhos baços
a palavra sem luz suficiente para fazer durar
as realidades.

* Tété, é o apelido de Teresa Rodrigues Ferreira, falecida no dia 16 de Novembro de 2003, dia que coincide com a data de nascimento de seu filho Aires: “Antes de morrer quero os ossos dos meus filhos”, foi sempre o seu grito.

**O jacaré esperou que o deserto segurasse a chuva
para que as rochas experimentassem sacudir
o repouso antigo
da terra.**

Não é culpa do destino a morte que espreita
à distância a utilidade do comício onde resulta bem colocar
nas mãos dos mágicos os ossos que atravessam
as palavras. Mas o seu valor básico tem mais que uma
publicidade já que nos falta tanta coisa que faz pesar o sonho
mais que o estábulo. Porquê que se vê através do poema
o modelo da terra? Não foi só para que o fogo tivesse
um símbolo capaz de juntar o meu corpo
em todos os outros com espaços de mel
e que já não se pode dizer as coisas só com o lápis.
Se as palavras pudessem ficar legíveis
no sítio que o coração escolhe para reconhecer num só dígito
os filhos. É quando Deus procura reconhecer em si o lado
físico do olhar que as sonolências nos vidros das janelas
refazem as fragilidades. E tu procuras reconhecer num só
perdão a bondade através do lado mais físico do olhar
que pode chorar por vício. O corredor do hospital facilita
o passeio da loucura com a sua intensa sabedoria
que traz a perfeição como por dentro dos âmagos se engana
o órgão que poderia recolher
o mundo.

**Os heróis são o que os nossos olhos escondem
dos túmulos. O jarro pode estar enfeitado
pelas flores como se tivessem um anel de diamantes
no meio do sono. A velha despiu-se para assanhar
uma nódoa que impede a terra de se
encontrar.**

Os heróis são as memórias das nossas
tragédias. Dizem os reclusos que não envelhecem
como se por sorte pudessem ficar ao lado de Deus
quando tratar de deitar fora as areias que fazem a difícil soma
das existências, até o céu, se bem que preso
na sua imensidão. Em algum lugar fizeram as apostas
para serem magníficos os detalhes
e salvar-se a pátria mesmo que a intimidade
dos sinos sejam os limites
da festa para quem da desilusão se magoa
ao ver da ilusão a bailarina
aleijada num esboço
de pedra. O jarro pode estar enfeitado
pelas flores como se tivessem um anel de diamantes
no meio do sono. E se forem encontrados os restos
desse mundo que vem de uma mão que mais conheceu
da noite o disfarce? O olhar que deveria estar eufórico
próximo do perdão, com o mesmo circo de um baloiço
mais parece preocupado em perder a forma
do mundo.

Na catedral as gaivotas fizeram durar os mares
até as pátrias ficarem sob o domínio de uma única
razão. Perdido o seu tesouro
– uma utopia na corrente de um panfleto –
os velhos tentam fugir das confissões
até as suas palavras desempregarem
nas tertúlias e cais
os poetas.

**A sanzala regressou sem poder contar
as ausências. É como se tivéssemos medo
de reconhecer a falta dos jovens. O fundo do espelho
do lago é o que advinha na alma a distância entre a vida
e o monstro.**

Como se pode aplaudir o dia entre uma angústia
e um mármore que separa os homens
dos anjos que permanecem por
dentro da felicidade? As frases
ficaram simples para que através de uma senha
se entenda como fomos hábeis em usar das cobras
as sombras até para nas gavetas anularmos
o nome dos irmãos. Se pudesses
dar um nome a um anjo ficarias perante o destino
assustado e com frio pela despedida
das coisas maternas. O fundo do espelho
tem um veludo que cumpre a pausa das
flores que deixam num só pátio
o monstro e a vida. Toda a existência
é uma tentativa de réguas que o coração
não sabe ser só
uma vez.

**O húmus como a mais longa perda
do nome, assim se poderá saber se Deus esteve presente
quando as mães abandonaram o lugar
do parto.**

O ouro não guardou a sua ressurreição
neste sítio onde nada acontece para salvar
como um dever contado na Bíblia
o homem. Toda a morte é a conta
mais cruel que conhece a cinza que desfaz as pálpebras
para não teres que oferecer
a tua bondade. Tudo tem a sua
conta. O corpo ficou entre as lianas repetindo
em seus erros a dor que a outros fez durar.
No húmus a mais longa perda
do nome que faz a defesa do epitáfio. A juventude
fi a porta de entrada da loucura
que tornou pequeno o ideal num esquite
que não recebeu as mãos
da sanzala. As mãos não podem receber
todas as hóstias apenas para podermos fugir
das culpas. É terrível ver a beleza como uma gaivota
sem asas. Não foi possível dar um nome
ao fogo que mantinha a tua ideia como um excesso
de um panfleto sem mães. A isto se chama
vingança: ter ouro na cama e não poder voltar à sanzala
com os mesmos tropas e altifalantes atrás
de ti. Ninguém te pode acudir mesmo sendo de boa luz
o ouro que descobre a ferida das tuas palavras. Como ouvir
a tua razão se as corujas parecem levantar de teus olhos
(como se perde no mármore e no sangue
o nome) os mortos sem tábuas que fazem as sombras
das árvores chegarem até os nossos
âmagos?

**Oh, morte, para quando o vosso mármore num alicerce
de museus de nós próprios? A vergonha
está-nos próxima
do coração.**

O rei não pode esperar da noite
toda a ousadia da esperança
como se, por este lado das surpresas
e de quantos mais terços se endireita
a aurora, lhe caiba outra luz.
Todo o intervalo serviu para vermos
se ainda poderíamos acertar com azagaias
o teu coração. E mataste o teu melhor
irmão para que toda a noite passasse para dentro
de nós. As lavras de mandioca aumentaram a safra
na mesma proporção que os mortos.
Ainda tentaram escolher o melhor filho
para o acompanhar, prepararam cinzas e ventos.
Os mortos de outras guerras mais antigas
estavam tontos nas poças
de vinho.

Os homens há muito que estavam à beira dos dias como
escultores das pedras / *pedras que sabem muito*
do homem pelo que lhes oferece de tropeços, ensaios
e lágrimas que mudaram a utilidade das confissões / pedras
que são quem na aguarela da vida mais desenham
as rugas de uma vida que merece outras
felicidades.

Oh, *morte*, para quando o vosso mármore num alicerce
de museus de nós próprios? A vergonha
está-nos próxima do coração.

O rei não pode esperar da noite
o que os amantes esperam de uma carne que celebre
o que da apertada cintura defende toda a música
que celebrou primeiro a tua inocência.

Uma boneca pode fazer a tua tranquilidade quando
regressas pelo silêncio até que se complete
o jarro de pétalas. As abelhas não conhecem o verão
porque toda a carícia vêm antes de todos
os contornos que aprofundam as arestas.

O uso da máscara não vai insinuar um desejo
mesmo que a água divida o teu corpo
em duas grandes direcções sendo a última
a que se pode imaginar com a ajuda de um jardim
incendiado na corda

do sono. Que seja quem mais sabe da sede o que cresce
com a cerimónia das tuas mãos que deixam em sentido
os músculos até imitarem o interior da flor. Não contando
até com o olhar por dentro dos mortos
que fazem durar a denúncia
das verdades.

**A ideia antiga de um tecto que coloque
no lugar a lua. Os trapos num cabide
que enfeite a cidade até que lhe escureça
todo o belo. Pode um velho enganar a sua própria
verdade quando não serve a pulso as
suas confissões.**

O discurso é feito de palavras
que por elas não podemos oferecer a nossa
juventude. Quando nos chegamos em significados
ordens e círculos já trazem as vogais
que trairão a utopia: a ideia antiga de um tecto
que coloque no lugar a lua, o trapo da infância entre
a tesoura do mundo e os degraus
do dia. Como uma coragem não serve o pulso
para manter a direcção do vento
que recupera a canoa no lugar onde tudo se divide
em três linhas que marcam em muito sangue
as saídas. Uma antiga melodia levanta o coração
dos velhos como se dependessem dessa tristeza
assim compartilhada num fio a custo de vinhos.
Quantas canções tistes dão mais importância
às pálpebras e podem fazer brilhar o que o coração
diz não mais poder manter na intimidade
e um idílio se abre mais que uma vitória
da guerra. Como se jura pela família tentam ocultar
os seus erros. Toda infância pode estar nessa
perda que faz procurar os fragmentos
que fazem a medida dos corações. Devem essas linhas
tornar visíveis as estátuas que amamos
em substituição dos deuses.

**Toda a suspeita vem do escuro
e a mão sabe de si a pobreza que a tornara
vazia. Uma mão assim pode demorar em riste
o poder da aguarela que diminui o número
de camas. O que fica da gaivota não é a gaiola
com limites de mar e barcos naufragados
mas sim o que não pode completar
em saída.**

Tenho como encontrar a tua saída
já que viveste o que não se pode desejar até como
parte de um passado que teimas em ver como uma taça
para entenderes o que não deverias
ter sido. Quanto aos limites e opções tenta
saber como toda a imagem estabelece a relação
contigo e se te pedem uma escolha. É quando presentes
que o veludo cobre muito completo o espaço em melhor
quadro que a rosa que deves saber que vives a mesma
dificuldade e incerteza. Podes repetir o teu passado
como se toda a aurora fosse em longas âncoras
escondida nas lamas dos mares
que abortaste no corpo
das gaivotas.

São palavras onde se toma por dentro o imaginário
e sai-se menos preparado para escrever as metáforas
porque está tudo montado para facilitar
a mentira. Toda suspeita vem do escuro
e a mão sabe de si a pobreza que a tornara
dependente do
cigarro.

A nossa casa tem o lugar mais íntimo
que faz acender a tua túnica. Uma plaina
tirou a sua luz para que uma algema tornasse lento
o mundo. Outra vez ergo o cálice
capaz de marcar o mesmo tempo de navios
no teu ventre. As mãos ou memórias recuperam
os gemidos que ficaram por trespassar as janelas
até encontrarem
a noite.

Vivi noites que mais foram o aviso cortante
da incerteza, como quem espera na sala das autópsias
a sua inclemência, mas existe em tuas unhas toda
a noite que segura a forma em verso que vem de ti
como se todo o espaço fosse
acabar na humidade que desce com o sono.
Iço-te como uso as minhas paixões com o mesmo sangue
que tem uma doçura comum: os filhos.
Do tanto que lutamos pode ficar em muita assembleia
todo o instante que vencemos. Admite descansar
como Deus quis fazer depois de soprar todos os barros.
Eu conheço como a tua razão foi capaz de guardar
o valor que escolheu o sonho para um barro
que não recebia as linhas dos teus dedos.
Oíço a mesma música que guardas nos teus ouvidos
de uma África que custa deixar, mas o batuque não consegue
assinalar a aurora como se grudássemos aí
a energia: choros. Aqui fica a nossa casa que erguemos
sobre uma pedra que procura o rio. Podemos
abrir os frutos para que o meu hálito
deixe em tua pele os vestígios
das flores. Uma plaina nervosa dirigida por um poeta
tira as arestas para que o mundo se distraia
no baloiço e não consinta
a sua lágrima.

**Que chegue agora o silêncio
para que a visão da terra tenha outra
ordem. Usas a palavra que por ela
não pode existir a luta de uma jura, o pincel
de uma aurora, toda a tempestade
desce-lhes das vogais
que fazem a língua.**

Aqui é o lugar da cinza
aqui a nossa dor fala de coisas que substituíram
a ilusão. Que chegue agora a polémica
mais densa que a paisagem até que o mercado Kinaxixi
deixe de ser o único lugar onde a palavra é uma inutilidade
perante a inflação que mais parece a venda
da alma. Uma polémica para que a visão da terra
tenha outra ordem num embrulho de jornal. A palanca preta
((Quem vai pôr a mão direita no lixo
putrefacto para salvar uma palavra?))
deixa a sua fuga permanentemente ligada
ao amor e a fragilidade fica como um tesouro
que acompanha a flecha. Os kotas deixaram de ver todo
o ensaio que recusa a máscara que pode guardar
os sinais do crime. Porquê que a Palanca
morre assim? Que tipo de respostas precisam os homens
para exibirem o que nunca puderam ser: mulheres
Mãos dóceis que podem alternar a legitimidade da luta
pela mais intensa luz que se apodera
do coração. Usam as palavras que por elas
não se pode perpetuar a luta por uma razão
que deixe diante de ti
o homem.

**O capim recebe a queimada para deixar
o esconderijo à vista: esgota-se o poema por lhes faltar
mais harpas no âmago.**

O tamanho do oceano agora tão ínfimo
para a nossa mala. Nada impede que descubras
o que me faz estar tão perto da lua.
Tão perto de algo que só a astúcia
da felicidade tem sabido manter
quando toco o teu corpo: mais que uma pátria
é o que um abraço pode oferecer
em conforto. Teu corpo dança nos anéis
da música que só pode ser entendida no meio
espesso e lento do meu
esperma.

Toda a bandeira precisa de muitas cegueiras
e de um herói que invente odisséias
e cujo amor te pareça maior que o amor
que aos nossos filhos vamos dando.
A profecia aperfeiçoou as insónias dos heróis às vezes
deixadas num complicado pátio feito de enigmas
que não lhes indica toda a culpa que vem do corpo
por não sentirem nada: masoquismo. Mas nós fizemos
do corpo um templo que dá início ao sono de cristais
que torna muito espessa a água que atravessa os poros
numa língua que se aproxima muito do fogo.
Eu e tu arrancamos de Deus um mandamento
para a nossa felicidade. A saliva que descobre a lua
pode fazer tremer a pátria onde nós tocamos
o lençol nupcial.

**O meu amor é como um rio
com muitas curvas usadas para chegar rápido
ao mar. Pode ser também uma lágrima
porque esse mesmo amor
nem sempre alcanço.**

Se um barco está iluminado no horizonte
para que pensemos numa mala
eu quero que fiques à frente da lua
para que se volte a pintar
a casa que desfila na fortuna
do meu violão. A lua pode às cegas
ficar na cura que nos vem da tontura que guarda
a mucosa que se soltou impiedosa
da tua pele e nem sei se podemos acender
o castiçal para
agradecer

E como alcançar o amor se a invenção está
entre a areia da infância que edificou o primeiro
palácio e o que a vida tece pelo rasgo da febre perante
tantos vales que conheceram a maior
procissão. Dizes que o mar existe quando nos despimos
e ficas com a minha nuca (os olhos perdidos)
presa nas conchas de tuas
mãos. A lágrima que apanho em teus lábios
tem algo em excesso que retira o chão de meus pés
e apoio-me na tua cintura onde deus
descobriu a gaivota
para enganar
o choro.

**o leão está aleijado na planície com o olhar
virado para dentro da sua carne. O homem
da senzala não pode impedir
que a lavra se torne no único lugar
onde Deus
morre.**

As vozes que ferem a intimidade da ilusão
podem acender as cobras. Os velhos
voltaram do cemitério com as mesmas
culpas. Todas as emboscadas atraem a inocência
sem que lhes caiba em bondade mais mãos para curarem
as chagas que afastam as mulheres grávidas
da maternidade. O Gombe fechou os olhos e disse:
Como o luto sangra nas revelações que queimam
o meu sono e os nomes parecem que fazem em mim
uma noite que sobe com agulhas
as minhas artérias. Os velhos voltaram do cemitério
com os números das tumbas presos nos olhos
que vão deixando cair as coisas
até perderem o significado e os nomes.
E vamos outra vez pela mesma margem
há muito sedimentada e nenhuma interrogação
é capaz de deixar o coração
avisado. Não é seguro que a ideia
interrompa o vício porque um sopro de barro
não invoca o começo do milagre.
E continuarão os velhos a ter que morrer
tão longe das multidões.

**É fácil chegar perto da cadeira
que embeleza o abismo e duro é puxar
a areia para ocultar os
crimes.**

O luto deixa durar a angústia no coração
dos vizinhos. Como ficamos pobres?
É fácil chegar perto da cadeira
que embeleza o abismo.
Ah! tantas coisas foste capaz
de perder e tinhas dúvidas
que fizeram desaparecer a utopia
pelo coração
acima.

Sempre desististe à frente dos heróis
porque tinhas na mão direita de todos os barros
a tua escolha que não aceitou
o último jogo: o silêncio.
Lavaste a catedral até brilhar como uma
única saída dos anjos para os ofícios que se quebram
nos espelhos quando o Kingolo afia
a sua faca entre a pedra e a margem direita
do rio Kuanza até apanhar a intimidade
da pátria.

**Que chegue agora o silêncio
para que a terra tenha outra ordem: a lua
mais perto do mar.**

Toda a cicatriz (mesmo a que tens na alma) busca
o esquecimento até que o camaleão perca nas cores
que vai enganando o seu próprio mistério.
Os enfermeiros correm sem direcção como se nas urgências
só pudéssemos tirar um pé da mortuária e um outro
para onde nos leva a ilusão. Ouves os seus regressos
numa calçada de adobe onde Deus não passa
há muito. O coma só oculta a superfície
para de onde o teu tocar não sinta a rotação
das folhagens. Os túneis precisam da
inércia. Quando se toca em algo chegam as diferenças
que marcam o início da guerra que adora
os jovens. O coma no esplendor que se ergue nas quatro
pontas do lençol que são quem mais seguram a divindade
de todos os sangues. E tu, meu amor,
foi quem mais me aproximou lentamente da sua
dança: eu vi na tua boca a manga
que trocou o meu hálito e uísque
pela tua saliva e perdemos
a superfície.

**O medo dura em estragos por não encontrares a tua
saída, rápida e eficaz como a luz que vem
dos túneis das encruzilhadas que não espera
pela surpresa: o muro.**

Mas se já vivi essa dor e se outro lugar
não sabe arder se não em minhas pálpebras...
O silêncio é o que resta das lágrimas como um insecto
de barro. Todas as minhas razões perderam a lucidez
porque mantive os joelhos apoiados em falsos degraus.
Todas as fianças dos meus dilemas perderam o conforto
da poesia. Deus chegou atrasado apesar de ser absoluto
o seu espaço e ser estranha a sua prioridade.
Mas se procuro do erro a minha força e inocência
porque volto com as mesmas fraquezas, rota
e com os mesmos traumas e, pior, com as mesmas lágrimas
que de tão ameaçadoras deixam-me outra vez num beco
onde penso e teço o meu próprio crime?
O veneno ilumina o armário que petrifica a noite
num cálice que faz desaparecer a festa.
Afinal, o coração só sabe viver dos impulsos
que configuram as lutas, suicídios e perdas dos amigos?
O poema deveria desfazer o meu nó numa estrofe
que troque o meu epitáfio
pelas flores.

**Vem amor, sem que no meu abraço
te falte o luar que trago untado
na pele.**

O luar que trago untado na minha pele faz parte da sequência das minhas mil insónias. Não me perguntes se tive que segurar os teus joelhos nas minhas mãos para que a tua ausência ficasse de fora das promessas. O caos na concha que guarda os teus mares para que todas as minhas âncoras marquem o dia mais longo do nosso lençol. O que posso receber de ti pode ser uma dança que prepare o parto numa pedra que disperse no céu as estrelas. Porquê que vem do céu a energia que mais parece todo o azul de um mar que está invisível no teu espelho quando tu sentes que falo contigo com uma força de ancas e unhas? Ó, Deus, como o amor a si próprio se entrega ao cansaço que faz e, no entanto, parecer ser outro e em nunca vivido no momento das humidades que untam de luas os teus braços poisados nas minhas nádegas.

**Kanjala de barro que completa o que Deus deixara
por fazer pela divisão do pão, todo o tema da vida
procura o ouro numa ponta
de milho.**

Kanjala com o seu tempo perfeito depois
de muitas fogueiras. Um milharal levanta a terra numa mesa
acesa que ocupa o horizonte. E primeiro levantas as dúvidas
que feriram a inocência e depois preferes que destes braços
se faça o cálice da utopia. Olhavas para os homens
com um coração incapaz de aceitar como uma lavra pode
salvar um País que decidiu pelas ideologias escolher os seus
melhores filhos. Todos voltaram com os seus cães amarrados
numa árvore que mais parece estar paralela
ao coração. Todos trataram de deixar a sombra
no lugar onde mais pesa a morte e os dedos que tinham
o vício de o alcançar deixam o sangue
viver a sua beleza. Essa arte de mãos que abraçam a semente
é quem mais procura limpar as chagas do mundo que acorda
num parto. Passa pelo âmago um orgulho capaz de fazer
durar o amor num delicado tocar dos sinos
que une com o sangue as cores do milho
que Deus vigia como a sua melhor
semente.

A palavra atravessa toda a ilusão como se cumprisse uma missão. Podemos apresentar-nos como vítimas das suas tábuas onde Deus acabara de jurar o repouso das manhãs.

A morte da música pode ser lisa entre o início de um verão e a direcção que faz o silêncio. A surdez levanta a imagem que a sombra distraidamente enterrara a cinco palmos do chão. Para o coração se salvam as gaivotas que levaram os mares para bem perto do sol que se despe com o jeito das mulheres. A cicatriz é delicada como se tivéssemos que olhar para a memória com uma outra escolha e astúcia. Hesita-se mas sabemos que no ombro se fazem as glórias muito breves e à deriva do coração. Cada erro persegue o espírito que faz o teatro dourar mais que uma lágrima, um longo cenário acaba por disfarçar-nos perante o que nunca fomos. Faz-se um corte no dedo indicador quando se perde a aurora para que a terra fique mais perto da insónia. Vemos o abandono da juventude vindo agora de nós uma interpretação sem chamus. Por isso as palavras vão compondo numa só estrofe o que a vida mesmo atenta não pode consagrar.

**Tudo o que foi quase um poema veio com o teu âmagô
e talvez seja essa febre interior que te faz
corrigir com as lágrimas a posição
dos guaches.**

Oh! amor, não cante a mesma existência já que não podemos receber de nossas mães a protecção. Já rejeitamos os heróis que do alto de tantas mentiras tentaram subverter a função dos espelhos como se fossem melhores que o cuidado materno. O que dura atravessa o espaço da noite como se uma vida fosse apenas resistir entre um sonho e a argila. Procuras uma razão como se tivesses delas a mesma juventude e os desencontros fazem cair a noite muito mais cedo onde ainda os pássaros marcam a separação das estações que podem aproveitar o teu canto. Celebras tudo até a memória dos nossos dias ficar como fitas de um poema que tinhas escrito como uma possibilidade do amor.

**Todo o minuto só existe saturado por insinuação
das nossas dúvidas e regressos temporários
à morgue.**

Tem que existir algo mais que marcas digitais
das palavras, algo que te traga de novo o que a solidão
faz perder. Queria que duas camas juntassem
num só lençol o que pudemos ganhar da humidade coberta
de frutos. Quem sabe se não teremos que apanhar
cada significado das frases que deixamos envelhecer
no nosso diário. Toda a ilusão não foi capaz de mudar
os teus medos que colocaram à frente a meditação
como se fosse o último jogo. A descrição lenta da lua
não toca a parte mais alta do lençol e a distância
separa os abraços. Pudessem as fotos e pinturas que copiei
das tuas alegrias comporem o interior
da nossa casa ou a trepadeira ter de direcção à vida
a nossa presença, melhor que uma grande janela de vidro
e em desafio os seus nós para mais espaços
pintarem de verde. Um poeta toca a flauta da tua tarde
de esperas à janela como se pedisses numa agonia
que te oferecesse
um gesto.

Índice



PREFÁCIO

A Luz dos Heróis na Palavra ou o Amor pelas Plurais (...) 11

NOTA

Momentos de “quase lágrimas” 17

Uma verdadeira mesa de ourives onde as palavras são (...) 23

Luz. E tudo parece uma dança que muda secretamente (...) 29

Luz. Eu vi cair o que o herói não conseguira fazer durar (...) 31

Luz. o mar pode um dia trazer uma cidade habitada (...) 33

Luz. Só o coração sabe enganar mesmo estando tudo (...) 35

Luz. O que posso descobrir no corpo de Joana perto (...) 37

De muito nos serve a velhice se temos que esperar (...) 39

A ideia selada pela lua e parece que chega (...) 41

Foste derrotado e agora esperas (...) 43

Com que mãos, ouros, creolinas e lenços sararei (...) 45

Todos os meus dedos tinham o vício (...) 47

O peixe pode fazer durar as direcções de nossos corpos (...) 49

Tanto se disse do amor o que nunca pude (...) 51

A tua filha repetiu muitas (...) 53

Ó, meus sangues! Não foram as minhas vidas (...) 55

... Abriste/ mais dois postigos e reparei que no teu olhar (...) 57

Desabotoas as minhas fantasias como (...) 59

A felicidade caminha por um lugar (...) 61

As palavras foram sublinhadas antes da colmeias (...) 63

Nada ficou por tirar da morte até mesmo o segredo (...) 65

Nada ficou por tirar da morte se não o seu túmulo (...) 67

Tocamos os objetos sem olhar o insondável (...) 69

A madrugada já tinha guardado a sua origem (...)	71
O cágado passou pela fogueira (...)	73
o macaco memoriza o lugar do espelho (...)	75
O jacaré esperou que o deserto segurasse a chuva (...)	77
Os heróis são o que os nossos olhos escondem (...)	79
A sanzala regressou sem poder contar (...)	81
O húmus como a mais longa perda (...)	83
Oh, morte, para quando o vosso mármore num alicerce (...)	85
Os homens há muito que estavam à beira dos dias como (...)	87
A ideia antiga de um tecto que coloque (...)	89
Toda suspeita vem do escuro (...)	91
A nossa casa tem um lugar mais íntimo (...)	93
Que chegue agora o silêncio (...)	95
O capim recebe a queimada para deixar (...)	97
O meu amor é como um rio (...)	99
O leão está aleijado na planície com o olhar (...)	101
É fácil chegar perto da cadeira (...)	103
Que chegue agora o silêncio (...)	105
O medo dura em estragos por não encontrares a tua (...)	107
Vem amor, sem que no meu abraço (...)	109
Kanjala de barro que completa o que Deus deixara (...)	111
A palavra atravessa toda a ilusão como se cumprisse (...)	113
Tudo o que foi quase um poema veio com o teu âmagô (...)	115
Todo o minuto só existe saturado por insinuação (...)	117



